



AUTOESTIMA E INTENÇÕES SEXUAIS DE USUÁRIOS DE APLICATIVOS DE RELACIONAMENTO

DOI: 10.17058/barbaroi.v1i61.16316



Bruna Benício Rodrigues

Universidade Estadual Paulista - UNESP - Brasil

Sandro Caramaschi

Universidade Estadual Paulista - UNESP - Brasil



Resumo:

O presente estudo visou detectar o nível de autoestima, conservadorismo e liberalismo sexual dos participantes, bem como coletar informações sobre o uso dos aplicativos de relacionamento no Brasil. Participaram da pesquisa 210 universitários matriculados em diferentes cursos de uma mesma instituição de ensino respondendo a um questionário presencial. Obteve-se o resultado de que o nível de autoestima é semelhante entre os sexos, no entanto, os homens no geral pontuaram mais no quesito liberalismo sexual, sendo mais irrestritos sexualmente e propensos a se envolverem em sexo casual a partir dos aplicativos de relacionamento do que as mulheres que se mostraram mais conservadoras. O liberalismo sexual masculino foi associado ao sentimento de vazio quando relacionado às relações virtuais. Conclui-se que o assunto pode ter relação com políticas de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

Palavras-chaves:

Redes sociais *online*. Parceiros sexuais. Comportamento sexual.

Desdobramentos das relações permeadas por aplicativos de relacionamento: liberalismo ou conservadorismo sexual? Casualidade ou compromisso?

Segundo a revisão de literatura de Vermelho, Velho e Bertocello (2015), a ciência psicológica em âmbito nacional tem produzido um baixo número de pesquisas a respeito das redes sociais digitais, apesar de fazerem parte do cotidiano dos indivíduos e terem implicações sobre os aspectos emocionais. Esse tema tem se restringido às áreas de comunicação e educação que juntas representam o total de 73% da produção literária brasileira. Diante disso, os autores enfatizam a necessidade de aumento das pesquisas nas outras áreas de conhecimento.

Nogueira e Silva (2016) apontam que atualmente o âmbito virtual e o real estão fundidos de tal maneira que é necessária a adesão dos indivíduos às plataformas virtuais para que sejam incluídos socialmente. No entanto, um âmbito não anula o outro, mas ao contrário, juntos se complementam. Do mesmo modo, esses preceitos se fazem presentes também nas relações amorosas que se modificaram com a chegada dos aplicativos de relacionamento e progressivamente aceleraram o processo de interação e cortejo, tornando-as mais fugazes.

Apesar dos aplicativos de relacionamento serem utilizados em massa, Valkenburg e Peter (2007) apontam que pouco se sabe cientificamente sobre os seus desdobramentos. Diante disso, Donnataria e Terzis (2009) ao pesquisarem o assunto, afirmam que as relações amorosas virtuais foram consideradas frustradas por seus participantes devido à divergência de intenções, uma vez que as mulheres estavam em busca de um namoro e os homens, apenas de sexo casual, dado também verificado no estudo de Blackhart, Fitzpatrick e Williamson (2014). Harknett e Cranney (2017) detectaram que o comportamento masculino voltado a evitação de relacionamentos sérios e propensão ao sexo casual está correlacionado, dentre outros fatores, ao maior número populacional de mulheres disponíveis, uma vez que conseguem ter maior acesso sexual a elas. Para obter esses dados, os autores realizaram uma pesquisa em diferentes escolas e verificaram que naquelas em que o número de mulheres era maior do que o de homens, os homens se envolviam com a quantidade de parceiras que conseguiam e compartilhavam baixa restrição sexual, no entanto, quando o número de homens era maior, o comportamento das mulheres não alterava e elas ainda continuavam com o comportamento sexual altamente restrito.

Por outro lado, Ramirez, Summer, Fleuriet e Cole (2014) ao verificarem qual era a dinâmica dos relacionamentos virtuais que obtiveram sucesso, constataram que aqueles que tiveram curta interação virtual seguida de um encontro presencial, inúmeras fotos pessoais disponíveis e mantiveram contato por diferentes meios virtuais como *Facebook*, *WhatsApp* ou *Instagram*, foram os que mais declararam satisfação com o parceiro. Isso ocorre, porque mediante a breve interação virtual, o sujeito não possui muito tempo para fantasiar aspectos relativos ao pretendente.

Figueiredo (2016) observou que mulheres que utilizaram o aplicativo *Tinder* para procura de um parceiro, ainda que morassem sozinhas e que fossem independentes financeiramente, relatavam insatisfação consigo mesmas caso viesse a se envolver em uma relação casual ou puramente sexual, relatando se sentirem estranhas e mal ao emitirem esse comportamento, ao

passo que não conseguiam explicar o porquê se sentiam assim. Diante disso, Bailey, Hendrick e Hendrick (1987) e Overbeek, Bongardt e Baams (2018) detectaram que os homens são mais propensos a se envolverem em relações sexuais casuais do que as mulheres e com isso, são mais permissivos sexualmente que elas, que por sua vez prezam pelo envolvimento emocional antes do sexual e desse modo, se envolvem em menos práticas sexuais perigosas do que os homens. Arfer e Jone (2018) verificaram em um estudo realizado com americanos que quanto mais o indivíduo é politicamente conservador, mais restritivas são suas atitudes sexuais em função do desejo de aprovação social que norteia o que é certo ou errado, também no âmbito sexual.

Guerra, Gouveia, Sousa, Lima e Freires (2012) afirmam haver carência de estudos científicos relativos ao liberalismo e conservadorismo sexual e ao abordarem estudantes universitários, constataram do mesmo modo que quanto maior foi sua interiorização de valores sociais e religiosos, maior foi o conservadorismo sexual, isto é, aqueles que prezam por seguir as regras sociais ou praticam algum tipo de religião são mais restritos sexualmente. Por outro lado, os que já tiveram relação sexual pelo menos uma vez na vida são mais liberais em relação à masturbação, sexo antes do casamento ou uso de pornografia.

Quanto às diferenças entre os sexos, Sümer (2013) destaca que os homens são mais liberais em relação ao acesso à pornografia e as mulheres em relação ao aborto, portanto, as mulheres apesar de serem mais sexualmente conservadoras por um lado ao não aderirem à pornografia, são mais liberais por outro ao prezarem mais do que os homens pelo direito de escolha sobre o próprio corpo. Homens e mulheres não diferiram em relação ao autoerotismo condizente à frequência com que se masturbavam, à homossexualidade praticada ou ao julgamento moral sobre o exercício do sexo antes do casamento. D'Abreu (2013) aponta que a internet aumentou o acesso masculino à pornografia uma vez que o tornou gratuito e anônimo, já que não há a necessidade de ir até um estabelecimento para adquiri-lo e com isso, atualmente 99% dos acessos pornográficos ocorrem virtualmente. Analisando o consumo de pornografia masculino, a autora descobriu que ele está correlacionado à violência e agressão sexual masculina voltada às mulheres, uma vez que os filmes apresentam cenas violentas durante o sexo, visando unicamente à satisfação masculina e anulando os sentimentos femininos, de modo a desconsiderar suas vontades e escolhas. Os resultados demonstraram que 33,5% dos universitários da amostra relataram terem reproduzido alguma forma de agressão sexual, que vai desde o assédio e moléstia até a concretização do abuso sexual e diante disso, quanto maior foi o acesso do indivíduo à pornografia, maior foi o relato de violência sexual já cometida.

Para Chen, Neilands, Chan e Lightfoot (2016), o conservadorismo ou liberalismo sexual presentes entre os adolescentes estão correlacionados aos ensinamentos parentais, à cultura presente entre o grupo de pares e à influência midiática que repassam os valores sobre o exercício do sexo antes do casamento e da atividade sexual como um todo. Dentre esses fatores, o comportamento aprovado entre o grupo de pares foi o que surtiu mais efeito entre os adolescentes. As participantes do sexo feminino relataram um nível mais alto de desaprovação dos pais em relação à prática sexual anterior ao casamento, terem mais amigas virgens e menores intenções de se envolverem sexualmente com alguém no próximo ano do que os

adolescentes do sexo masculino. Overbeek, Bongardt e Baams (2018) também identificaram que os valores que os pais repassam aos filhos influenciavam em sua dinâmica sexual e assim, os filhos que dialogavam com os pais a respeito da necessidade do amor para a consumação sexual foram os que se envolveram em mais comportamentos sexuais seguros, com proteção e houve aumento da restrição sexual masculina nesses casos.

De acordo com Sawyer, Smith e Benotsch (2018), os indivíduos que utilizam aplicativos de relacionamento se envolvem em maior proporção em práticas sexuais inseguras, incluindo o sexo casual sem preservativo após o uso de drogas ou álcool e contemplando maior número de parceiros sexuais ao longo da vida quando comparados aos que não o utilizam. Sabe-se que 96,5% dos usuários mantêm relação sexual com pelo menos uma pessoa que conheceu pela internet, com uma média de encontros sexuais casuais com 30 parceiros distintos.

Green, Turner e Logan (2018) também verificaram alta probabilidade de envolvimento sexual de risco entre os usuários de aplicativos de relacionamento. Assim, Ortiz-Martínez, Buelvas-Pérez, Martínez-Torres, Vásquez-Rada e Carrascal-Angelo (2018) apontam que o uso da *internet* para a seleção de parceiros pode estar relacionado à aquisição de doenças sexualmente transmissíveis devido às negligências relativas à proteção sexual.

Por outro viés, Bellavia e Murray (2003) ao investigarem as ressonâncias da autoestima no relacionamento amoroso e escolha do parceiro, detectaram uma forte correlação entre ambas. Ao analisarem a dinâmica de casais, verificaram que o sujeito que possui baixa autoestima ou autoestima diminuída, se sente responsável quando o parceiro expressa mau humor ou desagrado por algo, ainda que não diga respeito a ele. Com isso, observaram que aqueles com baixa autoestima são menos confiantes e estáveis do que os demais. Isso sugere que a autoestima diminuída está correlacionada à negatividade dos fatos e os que a tem apresentam maior insatisfação interpessoal, isso porque precisam encontrar sinais de aceitação externos porque não os encontram internamente.

Ford e Collins (2010) na mesma perspectiva, ao pesquisarem a autoestima como modeladora de respostas psicológicas e fisiológicas associadas aos relacionamentos interpessoais, recrutaram participantes de aplicativos de relacionamento que se sentiram rejeitados pelos pretendentes e os que não se sentiram. Houve diferenças no nível de cortisol entre os participantes e os que possuíam baixa autoestima avaliaram a rejeição como algo negativo, atribuindo a si a culpa e apresentando elevação do cortisol que é um hormônio relacionado ao estresse. Assim, conclui-se que a experiência de rejeição é vivenciada de maneira diferente entre os que têm baixa ou alta autoestima e utilizam a *internet* para fins amorosos.

Kim, Kwon e Lee (2009) ao apurar o nível de autoestima e sociabilidade dos usuários de aplicativos de relacionamento, verificaram que os indivíduos que possuem alta autoestima são mais propensos a utilizá-los do que os com baixa autoestima. Isso ocorre porque se expor publicamente gera estresse e insegurança aos últimos, que tendem evitá-los para diminuir sua exibição e possível reprovação social. Já os que possuem elevada autoestima, se sentem seguros para interagirem sem receio dos malefícios relativos à possível rejeição. Portanto, ter autoestima elevada e alto grau de sociabilidade foram características encontradas nos usuários desses aplicativos, o que contradiz o perfil estereotipado sobre serem solitários e ansiosos.

Diante disso, Vries (2016) averiguou que ser abordada e desejada pelos pretendentes virtuais, aumenta a autoestima das mulheres.

Por fim, Ye, Lam, Ma e Ng (2016) apontam que ter uma elevada autoestima é um fator de proteção para a relação amorosa, evitando conflitos desnecessários. Desse modo, pode-se considerar que os aplicativos de relacionamento podem ser eficientes para a promoção de relacionamentos saudáveis por contemplarem de um modo geral usuários que possuam autoestima elevada. Com isso, abordar aspectos referentes à dinâmica amorosa virtual, perfil dos usuários de aplicativos de relacionamento e os seus desdobramentos, tornam essa pesquisa relevante por haver poucos estudos científicos que englobam uma amostra brasileira (VALKENBURG; PETER, 2007; VERMELHO; VELHO; BERTONCELLO, 2015). Portanto, objetiva-se a partir desse trabalho detectar o nível de liberalismo sexual dos usuários de aplicativos de relacionamento, grau de autoestima e se as relações resultam em sua maioria em casualidade ou compromisso sério.

A Psicologia Evolucionista e as divergências sexuais entre homens e mulheres

Hattori e Castro (2017) defendem que por condições naturais, diferiram-se as preferências sexuais entre homens e mulheres relativa à escolha de parceiros, isto é, as características avaliadas como primordiais e atraentes em um parceiro são diferentes entre os sexos. Diante disso, Polippo, Ferreira e Wagner (2016) explicam que o cérebro humano passou por modificações e se distinguiu biologicamente entre os sexos durante o decorrer da evolução na espécie humana, e desse modo, os comportamentos que melhor se adaptaram ao ambiente e possibilitaram a subsistência e procriação, foram acionados na mente e repassados para as gerações seguintes por meio da herança genética, uma vez que eram necessários para a adequação ao meio. Portanto, ainda hoje a espécie humana reproduz condutas que no passado foram essenciais para a sua adaptação e isso ocorre de maneira subliminar, isto é, muitas vezes o sujeito sequer percebe a emissão de determinados comportamentos sexuais durante a seleção de um parceiro. Entretanto, os fatores biológicos não são universalmente estáticos mas, ao contrário, ao interagirem com fatores sociais e culturais são passíveis de alterações e modificações. Portanto, sem desconsiderar as demais influências que recaem sobre as preferências sexuais humanas, a Psicologia Evolucionista enfatiza as demandas biológicas provindas de gerações anteriores. Os autores acrescentam que no Brasil pouco se tem produzido pesquisas com esse viés teórico e apontam a necessidade do aumento de produção científica nacional.

Sabe-se que o bebê humano, diferentemente dos filhotes de outras espécies, possui um desenvolvimento maturacional mais lento e assim demora a executar funções básicas como se alimentar ou locomover sozinho. Observando essa dinâmica, Trivers (1972) formulou a chamada Teoria de Investimento Parental na qual propôs que ambos os sexos possuem distintas propensões para a escolha de um parceiro em função da emissão de comportamentos associados à sobrevivência de sua cria. Portanto, as mulheres que demandam gastos com um longo período gestacional passaram a serem avaliadas por seus parceiros a partir de sua capacidade reprodutiva que se expressa por meio da aparência física e desenvolveram

preferência por relações duradouras, uma vez que ao se envolverem com um único parceiro já contribuem com a procriação porque conseguem a fecundação. Os homens, por sua vez, preferem relações casuais pois contribuem em maior proporção ao fecundarem quantas fêmeas puderem e assim aumentarem o número de filhos e propagarem suas características genéticas. Eles são avaliados pelas mulheres a partir da capacidade de prover alimentos porque durante a gestação e lactação ela diminui sua mobilidade e com isso, capacidade de conseguir alimento sozinha. Por outro viés, se a mulher obtivesse em tempos remotos a certeza da paternidade de sua cria ao manter relações sexuais restritas, tinha o subsídio paterno na criação da prole. Em contrapartida, caso mantivesse relações íntimas com diferentes parceiros, era contemplada apenas com a ajuda de seus familiares e perdia o auxílio paterno durante o período gestacional e os primeiros anos da prole, momento de fragilidade física (BANDEIRA; MOURA, 2012; HATTORI; CASTRO, 2017). Portanto, diante dessa dinâmica ambos os sexos passaram a modular as preferências sexuais de acordo com as conveniências de sobrevivência e ainda que atualmente existam leis que subsidiam as mães e testes de *DNA* que comprovam a paternidade, durante o maior período de existência humana esses recursos não existiam e com isso, o cérebro ainda não os assimilou e continua mantendo as predisposições femininas de que se envolver sexualmente com um grande número de parceiros as colocam em risco do mesmo modo que se envolver em relacionamentos casuais pode ser prejudicial à sobrevivência de seu filho (LOPES, 2009; LOPES; VASCONCELOS, 2008).

Apesar das mulheres estarem em um contexto capitalista em que a subsistência está relacionada ao ganho de dinheiro e não mais à caça e assim poderem sozinhas obter recursos materiais por estarem inseridas profissionalmente no mercado de trabalho e terem leis jurídicas que as promovam direitos e benefícios durante a gravidez e início da maternidade, elas ainda compartilham as predisposições e propensões comportamentais ao emitirem condutas sexuais mais restritas de acordo com Harknett e Cranney (2017).

No entanto, Buss e Schmitt (2019) apontam diante do exposto acima que apesar das peculiaridades e preferências distintas entre os sexos, ambos podem se beneficiar de relações casuais e duradouras. Com isso, as mulheres se beneficiam com o envolvimento em relações casuais ao conseguirem acesso imediato aos recursos alimentícios provindos pelo parceiro, ao verificarem as competências do indivíduo antes de tornarem a relação duradoura, ao obterem genes superiores àqueles de seus parceiros regulares, obter a qualidade genética de parceiros que não estão acessíveis para relacionamentos de longo prazo e ao variarem de parceiros. Já os homens conseguem se beneficiar em relações duradouras ao terem certeza da paternidade e garantirem o acesso recorrente a uma mulher com alto potencial reprodutivo.

Diante da preferência por casualidade, os homens desenvolveram maior apreço por atratividade física do que as mulheres de acordo com Xia, Tu, Ribeiro, Jiang, Wang, Chen, Liu e Towsley (2014). Para os autores, isso ocorre porque a aparência feminina está correlacionada à saúde hormonal e potencial reprodutivo, portanto, aquelas que possuem cintura fina e quadris fartos demonstram equilíbrio hormonal e obtém maior sucesso entre os homens, pois essas características representam boa capacidade reprodutiva e qualidade genética. Essas preferências foram verificadas de modo semelhante na pesquisa de Ramos e

Lencastre (2013) e Hattori e Castro (2017), que ao apurarem qual era o atributo feminino considerado mais atraente entre os homens em aplicativos de relacionamento, detectaram ser a aparência física.

Schmitt (2005) verificou a partir de um questionário de homossexualidade que os homens fantasiam mais do que as mulheres em ter relações sexuais com uma maior quantidade de parceiras, são mais propensos a se envolverem em práticas sexuais com desconhecidas e mais irrestritos sexualmente.

Por outro lado, Galperin e colaboradores (2013) ao averiguarem os sentimentos de homens e mulheres após a prática sexual, descobriram que as mulheres se arrependiam quando se envolviam em sexo casual, sem sequer conseguirem argumentar o porquê se sentiam tristes após consumá-lo. Já os homens se lamentavam apenas quando consideravam que não obtiveram um desempenho sexual satisfatório ou que perderam candidatas consideradas melhores ao terem escolhido determinada parceira. Kennair, Wyckoff, Asao, Buss, Bendixen (2018) obtiveram os mesmos dados referentes a repulsa feminina voltada à casualidade e verificaram uma expressão facial de nojo nas mulheres ao relatarem experiências de sexo casual vivenciadas no passado. Obviamente essas preferências inexplicáveis no âmbito consciente estão relacionadas às predisposições instintivas e biológicas herdadas dos antepassados que impulsionam os homens à casualidade e as mulheres às relações estáveis.

Buss, Larsen, Westen e Semmelroth (1992), Bendixen, Kennair e Buss (2015) e Hattori e Castro, (2017) verificaram que os sexos diferem em relação ao ciúme romântico e com isso, os homens sentem um ciúme sexual por sua parceira, uma vez que caso esta mantenha relação íntima com outro homem, coloca em dúvida sua paternidade e contribuição com a criação do filho, por não ter certeza que é seu. Já as mulheres sentem pelo parceiro o ciúme emocional já que caso ele esteja vinculado afetivamente à outra mulher, corre o risco de abandoná-la e não contribuir com o seu subsídio durante a gestação e lactação, período de privação e restrição física feminina.

Em contrapartida, Jonason e Buss (2012) compararam a diferença de conduta entre os sexos ao emitirem comportamentos indiretos quando não pretendiam se envolver em um relacionamento sério com o pretendente. Os autores apontaram que ambos os sexos correlacionaram a casualidade com a emissão de agressão verbal ou física, falta de interesse demonstrado, evitação de diálogos emocionais, flertar com outras pessoas e relatar experiências sexuais anteriores. As mulheres foram mais propensas a serem sinceras em suas intenções quando almejavam um envolvimento puramente casual e verbalizavam sem muitas delongas. Já os homens demonstravam de maneira mais indireta seu desinteresse por uma relação duradoura. Isso ocorre devido às preferências diferentes entre os sexos, pois como os homens são mais propensos ao sexo casual, não é necessário às mulheres terem que mascarar seu baixo interesse romântico neles, diferentemente dos homens que se verbalizam a intenção puramente sexual, dificilmente conseguem se relacionar com muitas mulheres devido ao apreço delas por relações estáveis. Portanto, as predisposições divergentes norteiam o comportamento de ambos.

Perilloux, Cloud e Buss (2013) descobriram uma possível característica feminina correlacionada à casualidade ao avaliarem a atratividade física de mulheres, por meio de fotos em que os participantes classificaram seu nível de beleza. Os resultados demonstraram que as mulheres das fotos consideradas mais atraentes por si mesmas e pelos homens, tinham maior facilidade de interação social e haviam se envolvido em uma quantidade maior de relações sexuais irrestritas. Uma explicação para esse fenômeno é que os homens tendem a perceber de um modo subliminar as mulheres com quem teriam maior facilidade de se relacionarem intimamente e conseqüentemente as consideram mais atraentes e do mesmo modo, elas se julgam desejáveis porque se deparam com um número maior de elogios do que as demais. Em suma, as que tiveram maior pontuação de atratividade pelos homens e por si mesmas foram as mais propensas a consumarem relações sexuais casuais.

Diante disso, considera-se que abordar a Psicologia Evolucionista e os seus pressupostos sobre as condutas sexuais instintivas que se manifestam nos aplicativos de relacionamento é relevante devido à baixa produção literária em contexto nacional e à sua correlação com a seleção de parceiros em meios virtuais (VALKENBURG; PETER, 2007; VERMELHO; VELHO; BERTONCELLO, 2015; POLIPPO; FERREIRA; WAGNER, 2016).

Método

Este trabalho contemplou uma pesquisa de campo, a partir da aplicação de um questionário em universitários matriculados em diferentes cursos de uma universidade estadual do interior do estado de São Paulo. Todos os procedimentos éticos previstos para a pesquisa com seres humanos foram seguidos e o projeto de pesquisa primeiramente foi enviado para avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Bauru-SP e após a aprovação (CAAE: 68504617.2.00005398; Número do Parecer: 2.100.031), iniciou-se a coleta.

Participantes

Participaram da pesquisa aqueles que concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de modo voluntário e anônimo, resultando um total de 210 sujeitos, 101 do sexo masculino com idade média de 21,35 (\pm 2,92) anos e 109 do feminino com idade média de 20,58 (\pm 2,09) anos, matriculados em diferentes anos nos cursos de Psicologia, Jornalismo, Educação Física e Engenharia de Produção.

Ao responderem a pergunta condizente à situação amorosa atual, 31,4% dos participantes disseram estar sozinhos, 20,4% estar paquerando, 12,8% estar ficando, 31,9% estar namorando, 0,95% estar casado e 2,3% estar morando com alguém.

De acordo com a atual situação amorosa, 45,6% dos homens disseram não estar amando ninguém, 26,8% estar amando a bastante tempo (anos), 8,9% estar amando a pouco tempo (meses), 11,8% deixou de amar a pouco tempo (meses) e 6,9% deixou de amar a muito tempo (anos). Por sua vez, 33% das mulheres apontaram não estar amando ninguém, 34,9% estar amando há bastante tempo (anos), 18,4% estar amando a pouco tempo (meses), 11,9% deixou de amar a pouco tempo (meses) e 1,8% deixou de amar a muito tempo (anos).

Dos homens que estão amando no presente momento, 22,8% mencionou que conheceu a parceira na escola ou faculdade, 7,9% conheceu em um bar ou uma festa, 9,9% por meio de amigos em comum, 4% por meio do *Facebook* e 2% na academia. Em relação à amostra feminina, 34% responderam ter conhecido o parceiro na escola ou faculdade, 8,3% em um bar ou uma festa, 7,3% por meio de amigos em comum, 8,2% por meio do *Facebook* ou *Tinder* e 1,8% no trabalho.

Instrumentos

Foram utilizados como instrumentos para a coleta de dados o Inventário de Orientação Sociossexual (SOI) desenvolvido por Simpson e Gangestad (1991) que contempla sete questões em que o valor numérico de algumas deve ser invertido para ser pontuado, de modo a avaliar o comportamento e frequência sexual e assim, os que pontuarem acima da média condizente ao seu sexo são considerados mais irrestritos sexualmente (mais propensos a sexo casual) e os que pontuarem abaixo da média, mais restritos sexualmente (menos propensos a sexo casual). Portanto, avalia a propensão do sujeito se envolver em práticas sexuais (SOUSA, 2011).

O Questionário de Atitudes Sexuais (QAS) que foi validado no Brasil por Guerra e Gouveia (2007) e que de acordo com os autores é dividido em agrupamentos (fatores) para a sua mensuração e visa medir o nível de atitudes liberais e conservadoras sobre o exercício da própria sexualidade contemplando dezesseis afirmativas pontuadas de 1 a 5 de acordo com o nível de concordância (quanto maior a pontuação, mais liberal).

O Questionário de Autoestima (QA) de Rosenberg, adaptado e validado para o Brasil (HUTZ; ZANON, 2011) que é autoaplicável e contempla dez questões que avaliam a autoestima por meio do conceito e valor que o sujeito se autoatribui e por último, foi elaborado um questionário semiestruturado pelos pesquisadores, com perguntas abertas e fechadas, contendo informações pessoais, informações a respeito de seu próprio uso nos aplicativos e do uso dos demais, bem como uma escala condizente (dez pontos) com a maneira em que percebem a dinâmica da paquera virtual.

A seguir estão dispostas as questões formuladas utilizadas nesse artigo:

Número de pessoas:

Complete a frase: Neste momento, no meu círculo de relações existem _____ pessoas que me atraem e com as quais eu poderia no mínimo, ficar.

Expectativas de mulheres e homens:

As mulheres geralmente criam mais expectativas em relação à possibilidade de se desenvolver um namoro por meio dos aplicativos do que os homens

Os homens geralmente criam mais expectativas em relação à possibilidade de se desenvolver um namoro por meio dos aplicativos do que as mulheres

Curto prazo ou longo prazo:

Eu não me importo de ter relação sexual no primeiro encontro com um(a) parceiro(a) que conheci por meio da internet mesmo que ele(a) deixe claro que será algo casual e não há possibilidade de nos vermos novamente

Por mim tudo bem ter relação sexual no primeiro encontro com um(a) parceiro(a) que conheci por meio da internet **desde que** ao menos fique em aberto o futuro da relação, ou seja, não esteja combinado necessariamente que irá se restringir a apenas uma noite.

Satisfação com os encontros:

Os relacionamentos iniciados por meios virtuais me deixam um sentimento de vazio

Os parceiros virtuais com quem me encontrei pessoalmente geralmente atenderam as minhas expectativas em relação aos aspectos físicos e emocionais.

Procedimentos de coleta

Antes de responder ao questionário os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O questionário foi aplicado coletivamente e respondido individualmente, com aprovação anterior do docente responsável pela disciplina, durante as aulas, na sala de aula, resguardando-se a ética e privacidade, com uma duração de aproximadamente 60 minutos.

Análise dos dados

As questões do questionário elaboradas pelos pesquisadores foram analisadas qualitativamente ou quantitativamente a depender de seu conteúdo e as escalas foram analisadas apenas quantitativamente e submetidas à análise estatística descritiva (média e desvio-padrão), bem como a comparação entre o sexo feminino e masculino (Teste T de *Student*) e correlação entre variáveis (Índice de Correlação de *Pearson*) por meio da ferramenta *Bioestat 5.0*.

Resultados

De acordo com a Tabela 1, podem-se observar os resultados estatísticos decorrentes da comparação entre os sexos sobre o Inventário de Orientação Sociossexual (SOI), Questionário de Atitudes Sexuais (QAS), Questionário de Autoestima (QAE) e sete questões elaboradas pelos pesquisadores a respeito do uso dos aplicativos de relacionamento.

Tabela 1: Comparação estatística entre homens e mulheres (Teste t) relativa aos resultados do Inventário de Orientação Sociossexual (SOI), Questionário de Atitudes Sexuais (QAS), Questionário de Autoestima de Rosenberg (QA) e de sete questões elaboradas pelos pesquisadores

Participante		Feminino		Masculino		Estatística	
Variável		M	DP	M	DP	T	P
SOI		82,47	61,03	112,87	112,95	-2,4000	0,0179*
QAS		60,35	9,06	54,96	8,20	4,5082	<0,0001 *
QA		27,15	2,40	26,64	2,52	1,4811	0,1411
Uso das Redes		151,14	257,69	177,38	298,02	-0,6838	0,4954
Número de pessoas		3,54	4,18	5,35	5,62	-2,6238	0,0098*
Expectativas mulher		3,72	2,92	4,09	2,47	-0,9970	0,3207

Expectativas homem	2,75	1,83	2,27	2,12	-2,2505	0,0261*
Curto Prazo	5,86	3,62	7,86	2,88	-4,4414	<0,0001*
Longo Prazo	4,09	3,02	5,15	3,16	-2,4751	0,0145*
Sensação de vazio	3,65	2,74	4,50	2,76	-2,2192	0,0283*
Atendeu expectativas	5,21	2,49	5,48	2,57	-0,7857	0,4335

*significativo para $p < 0,05$.

De acordo com o Inventário de Orientação Sociossexual (SOI) constatou-se que os homens ($M=112,87$; $DP=112,95$) são mais irrestritos sexualmente e propensos a praticarem sexo casual do que as mulheres ($M=82,47$; $DP=61,03$).

Em relação ao Questionário de Atitudes Sexuais (QAS), as mulheres ($M=60,35$; $DP=9,06$) obtiveram maior pontuação em relação ao liberalismo sexual do que os homens ($M=54,96$; $DP=8,20$), no entanto, verificou-se que elas pontuaram a mais apenas no quesito envolvimento em relações homoafetivas. Esse dado foi verificado a partir da análise individual dos itens desse questionário, uma vez que ele é dividido em quatro agrupamentos de fatores condizentes à probabilidade dos participantes se envolverem em relações homoafetivas, praticarem o autoerotismo, manterem relação sexual antes do casamento e acessarem a pornografia, de modo que as mulheres pontuaram significativamente mais do que os homens apenas no primeiro item ($t=7,3580$; $p < 0,0001^*$) e os demais não tiveram diferença estatisticamente significativa, no entanto, os homens pontuaram pouco mais do que as mulheres no acesso à pornografia.

O Questionário de Autoestima de Rosenberg (QA) por sua vez, não apresentou nenhuma diferença estatisticamente significativa entre os sexos, de modo a se considerar que ambos compartilham o mesmo nível de autoestima ($t=1,4811$; $p=0,1411$).

Na sequência (Tabela 1), o conteúdo das questões elaboradas pelos pesquisadores revelou que em relação à expectativa que as mulheres criam (Expectativas mulher) sobre o desenvolvimento de um namoro iniciado por meios virtuais, não obteve diferenças estatísticas significativas entre os sexos ($t=-0,9970$; $p=0,3207$), no entanto, em relação à expectativa que os homens criam (Expectativas homem), detectou-se que as mulheres ($M=2,75$; $DP=1,83$)

consideraram em maior proporção do que os próprios homens ($M=2,27$; $DP=2,12$) que eles têm mais expectativas do que elas sobre a possibilidade de se desenvolver um namoro iniciado pelo cortejo virtual ($t=-2,2505$; $p=0,0261^*$).

Os homens ($M=7,86$; $DP=2,88$) pontuaram mais do que as mulheres ($M=5,86$; $DP=3,62$) sobre a probabilidade de ter relação sexual no primeiro encontro com um parceiro que conheceu por meio de aplicativos de relacionamento, mesmo que ele deixasse explícito que se restringiria ao casual sem nenhuma perspectiva futura de se desenvolver uma relação duradoura (Curto Prazo) ($t=-4,4414$; $p<0,0001^*$).

Os homens ($M=5,15$; $DP=3,16$) também pontuaram mais do que as mulheres ($M=4,09$; $DP=3,02$) sobre a probabilidade de se relacionarem sexualmente no primeiro encontro caso ficasse em aberto o futuro da relação e não estivesse necessariamente combinando que iria se restringir a um encontro casual (Longo Prazo) ($t=-2,4751$; $p=0,0145^*$) e por último, os homens ($M=4,50$; $DP=2,76$) pontuaram mais do que as mulheres ($M=3,65$; $DP=2,74$) sobre o sentimento de vazio que as relações permeadas pela internet causam (Sensação de vazio) ($t=-2,2192$; $p=0,0283^*$).

A questão que abordou se as expectativas em relação ao aspecto físico e emocional do pretendente foram atendidas, não obteve diferenças estatísticas significativas ($t=-0,7857$; $p=0,4335$) entre os sexos (Atendeu expectativas) e concluiu-se que tiveram o mesmo nível de satisfação.

De acordo com a Tabela 2, pode-se observar a comparação estatística entre as escalas e questões para verificar qual é a probabilidade de um fator estar correlacionado ao outro.

Tabela 2: Correlações (Pearson) realizadas entre as escalas, Inventário de Orientação Sociosexual (SOI), Questionário de Atitudes Sexuais (QAS) e Questionário de Autoestima de Rosenberg (QA) com questões relativas ao uso dos aplicativos de relacionamento (Rede), facilidade de iniciar relacionamentos (Facilidade) e número de pessoas por quem se sente atraído.

Variável	Feminino		Masculino	
	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>
SOI / Rede	-0,0779	0,4208	-0,0344	0,7324
SOI / Facilidade	0,0712	0,4619	-0,0034	0,9728

SOI / Número de pessoas	-0,2031	0,0341*	-0,1015	0,3127
QAS/ Rede	0,0985	0,3081	0,0966	0,3364
QAS/ Facilidade	0,1297	0,1787	0,0474	0,6381
QAS/ Número de pessoas	0,1463	0,1290	0,1600	0,1099
QA/ Rede	0,0137	0,8877	-0,0995	0,3223
QA/ Facilidade	0,0578	0,5504	-0,1219	0,2247
QA/ Número de pessoas	-0,1213	0,2089	0,1049	0,2963
QAS/ QA	0,0471	0,6271	0,0860	0,3927
QAS/ SOI	0,0108	0,9113	0,1994	0,0455*
QA/ SOI	0,0849	0,3798	0,1285	0,2001
Rel único/ QAS	0,1492	0,1214	0,1689	0,0912
Rel futuro/ QAS	0,0820	0,3965	0,1005	0,3173
Vazio/ QAS	0,0385	0,6912	0,2702	0,0062*
Expectativas/ QAS	0,0617	0,5242	-0,1392	0,1648
Indicação/ QAS	0,0604	0,5325	-0,0519	0,6060

*Significativo para $p < 0,05$

Diante dos variados cruzamentos entre as escalas e questões elaboradas pelos pesquisadores, obteve-se resultado estatístico significativo na correlação realizada entre o Inventário de Orientação Sociossexual (SOI) e o número de pessoas por quem as participantes do sexo feminino se sentiam atraídas e o dado indicou que quanto maior foi o resultado do Inventário de Orientação Sociossexual (SOI) entre as mulheres, referente à possibilidade de terem um maior número de parceiros sexuais e serem propensas a praticarem o sexo casual, menor foi o número de pessoas em seu círculo social por quem se sentiam atraídas, no entanto, não houve correlação entre esse último dado e o uso dos aplicativos de relacionamento.

Por sua vez, a comparação entre o Inventário de Orientação Sociossexual (SOI) e o Questionário de Atitudes Sexuais (QAS) foi significativa apenas na amostra masculina e indicou que quanto maior foi a propensão dos homens para se envolverem em sexo casual, maior foi o nível detectado de liberalismo referente à sexualidade e a avenged sevenfold envolvimento sexual.

Por último, o Questionário de Atitudes Sexuais (QAS) correlacionado à afirmativa que os relacionamentos iniciados pela internet deixam um sentimento de vazio, também foi significativo apenas na amostra masculina e indicou que quanto maior é o liberalismo sexual virtualmente, maior o é sentimento de vazio que as relações promoveram para eles.

Discussão

Sexualidade humana- Tabela 1

De acordo com a Tabela 1 que visou à comparação entre os sexos, os dados do Inventário de Orientação Sociossexual (SOI) demonstraram que os homens são mais irrestritos sexualmente do que as mulheres. Para Harknett e Cranney (2017), o comportamento sexual irrestrito masculino aumenta conforme a disponibilidade das pretendentes e com isso, pode-se sugerir que o mesmo processo ocorre nos meios virtuais, uma vez que os aplicativos de relacionamento aumentam a oferta de candidatas e esse fato quando correlacionado aos fatores genéticos que impulsiona os homens à casualidade e envolvimento sexual com um vasto número de parceiras, reforça o comportamento sexual liberal masculino (HATTORI; CASTRO, 2017).

As mulheres por sua vez, foram detectadas como mais restritivas sexualmente pelo mesmo inventário e apesar de terem a possibilidade de se envolverem com inúmeros parceiros a partir dos meios virtuais, optaram por serem mais seletivas e restritas sexualmente, reproduzindo de modo subliminar os comportamentos biológicos provindos dos antepassados, considerados convenientes para a sobrevivência da espécie e por isso armazenados na pré-disposição genética. Com isso, esses dados definem as divergências e preferências sexuais entre ambos os sexos, sendo as mulheres mais seletivas sexualmente do que os homens (BANDEIRA; MOURA, 2012; POLIPPO; FERREIRA; WAGNER, 2016; HATTORI; CASTRO, 2017).

Segundo Figueiredo (2016) é comum as mulheres sentirem um estranhamento e desconforto quando se envolvem em relacionamentos casuais estritamente sexuais, cuja razão não conseguem explicar. Isso ocorre, de acordo com Hattori e Castro (2017), em função das predisposições genéticas que se manifestam e contribuem para a emissão de determinados comportamentos que muitas vezes são reproduzidos sem sequer terem conhecimento e impulsionam-as ao relacionamento duradouro como verificado e mencionado acima, já que apesar de não se ter avaliado nessa pesquisa sua satisfação com o sexo casual propriamente dito, constatou-se que elas prezam por praticar sexo quando há o envolvimento emocional, como verificado de modo semelhante nos estudos de Bailey, Hendrick e Hendrick (1987) e Overbeek, Bongardt e Baams (2018).

De acordo com o Questionário de atitudes sexuais (QAS), verificou-se que as mulheres são mais liberais do que os homens no quesito envolvimento amoroso com parceiras do mesmo sexo, sendo mais propensas a se envolverem em relações homoafetivas uma vez que o questionário é dividido em subgrupos que juntos oferecem uma pontuação total. Esse dado contradiz o estudo de Sümer (2013) que propôs terem ambos os sexos a mesma quantidade de envolvimento homoafetivo. Em relação ao acesso à pornografia avaliado por um dos subgrupos, apesar de não terem sido constatadas diferenças estatísticas significativas entre os sexos, os homens tiveram uma leve pontuação maior do que as mulheres conforme detectado igualmente no estudo de Sümer (2013). No entanto, Guerra, Gouveia, Sousa, Lima e Freires (2012) mencionam que ter uma vivência sexual *a priori* contribui para a abertura do sujeito nesse âmbito mais do que outros fatores, independentemente do gênero.

O Questionário de Autoestima (QA) por sua vez, não apresentou diferença estatística significativa entre os sexos, entretanto, Bellavia e Murray (2003) apontam que a autoestima tem imensa influência na satisfação amorosa e contribui para qualidade do relacionamento de modo que ter baixa autoestima implica em menor satisfação com o parceiro por motivos internos. Com isso, Kim, Kwon e Lee (2009) detectaram que os aplicativos de relacionamento são contemplados com usuários que possuem elevada autoestima, uma vez que segundo os autores, se expor publicamente é considerado aversivo aos que possuem baixa autoestima por estarem sujeitos à rejeição. Essas informações levam, portanto, a conclusão de que a internet é um meio eficaz nessa perspectiva, conforme apontam Ye, Lam, Ma e Ng (2016), ao reforçarem que ter a autoestima elevada é essencial para o bom andamento da relação e satisfação com o parceiro. No entanto, é válido ressaltar em relação aos que possuem baixa autoestima, que a personalidade é dinâmica e não estática e dessa maneira, os sujeitos são passíveis de mudanças e melhorias, sendo a psicoterapia um processo facilitador para ocasionar alterações intrínsecas (SOSTER; CASTRO, 2018).

Em relação às perguntas elaboradas pelos pesquisadores, detectou-se que as mulheres consideraram que os homens, em maior proporção do que eles mesmos, têm mais expectativas do que elas sobre o desenvolvimento de um namoro cuja interação inicial ocorreu por meio de aplicativos de relacionamento. Esse dado pode se relacionar ao cortejo que ocorre, via de regra, pelos homens e dão a impressão de maior interesse em um compromisso sério ao pronunciarem palavras românticas a fim de agradar a pretendente.

Verificou-se também que os homens demonstraram serem mais propensos a praticarem sex independente das circunstâncias, tanto em relacionamentos casuais como em duradouros. Esse dado se correlaciona com os estudos já mencionado acima de Bailey, Hendrick e Hendrick (1987), Bandeira e Moura (2012), Polippo, Ferreira e Wagner (2016) e Hattori e Castro (2017), que propõe serem eles mais irrestritos sexualmente e assim se envolverem em diferentes e variadas práticas sexuais.

Correlação entre as questões e escalas-Tabela 2

Considerando-se a Tabela 2, verificou-se que quanto maior foi a pontuação feminina no Inventário de Orientação Sociossexual (SOI) condizente com serem mais liberais sexualmente, menor foi o número de pessoas por quem as mulheres apontaram se sentirem atraídas em seu meio social, no entanto, nenhum dos dois fatores obteve correlação significativa com o uso dos aplicativos de relacionamento (Rede). Isso indica que as mulheres mais liberais sexualmente não recorreram consistentemente aos aplicativos de relacionamento para a seleção de parceiros e aquelas que consideraram terem poucos conhecidos por quem se sentem atraídas, também não recorreram a eles.

A correlação entre o Inventário de Orientação Sociossexual (SOI) e o Questionário de Atitudes Sexuais (QAS) demonstrou que quanto maior foi a propensão dos homens em se envolverem em sexo casual, maior foi o seu liberalismo sexual. Isso ocorre porque os valores morais implicam diretamente na prática sexual e desse modo, aqueles que são mais liberais são mais abertos e propensos às práticas sexuais (GUERRA; GOUVEIA; SOUSA; LIMA; FREIRES, 2012).

Por fim, a correlação entre o Questionário de Atitudes Sexuais (QAS) e o sentimento de vazio que as relações permeadas pelos aplicativos de relacionamento promovem (Vazio), sugerem que os homens que compartilham maior liberalismo sexual, são os que sentem um maior vazio relacionado às relações virtuais. Isso se deve, segundo Andrade e Garcia (2009), porque para ambos os sexos somente a satisfação sexual não é o suficiente para a satisfação global com o relacionamento amoroso e desse modo, fatores como o respeito, cumplicidade, valorização do companheiro, atratividade física e a própria conjunção carnal são igualmente importantes para sua satisfação completa com a relação. Portanto, um relacionamento exclusivamente sexual gera descontentamento. Diante disso, Matos, Féres-Carneiro e Jablonski (2005) mencionam o interesse progressivo dos jovens em se envolverem em relações permeadas por afeto em que citam ser a fidelidade e confiança os aspectos primordiais em uma relação duradoura. Entretanto, os autores verificaram que devido ao conjunto de influências internas e externas que recaem sobre o sujeito, o sexo casual é incentivado entre o público masculino e condenado entre o feminino. Outros fatores como influência da mídia, parental e do grupo de pares, são mencionados por Chen, Neilands, Chan e Lightfoot (2016) como presentes nos valores sexuais dos jovens, no entanto enfatizam a influência do grupo de pares nessa faixa etária e reforçam que às meninas são atribuídos valores mais restritos e rigorosos. Portanto, como a amostra da presente pesquisa é jovem e

universitária, pode-se considerar então, que os participantes compartilham valores semelhantes ao grupo.

Por outro viés, sabe-se que os fatores sociais e culturais também contribuem para a modulação de comportamento e desse modo, sendo a amostra brasileira pode-se considerar os reflexos históricos provindos do machismo e conservadorismo sexual vivenciados no passado e aplicados principalmente à sexualidade feminina, em que aquelas que se envolviam em variadas práticas sexuais perdiam seu valor como esposa e o seu prestígio social (DANTAS, 2010). Com isso, esses fatores quando associados aos biológicos e genéticos contribuem ainda mais para a supressão sexual feminina.

Entretanto, levando em consideração que os comportamentos não são imutáveis, Overbeek, Bongardt e Baams (2018) apontam que os homens aumentaram o nível de restrição sexual quando tiveram pais conservadores, pois compartilharam os mesmos valores e crenças que aprenderam com eles. Em contrapartida, Guerra, Gouveia, Sousa, Lima e Freires (2012) verificaram que em ambos os sexos, quando o sujeito já havia iniciado a vida sexual ou teve pelo menos uma experiência sexual durante a vida, compartilhava valores mais liberais em relação à masturbação, sexo antes do casamento ou uso de pornografia.

Por fim, conclui-se que os mais variados desdobramentos podem ocorrer quando se recorre aos aplicativos de relacionamento para a busca de parceiros (FIGUEIREDO, 2016). No entanto, mesmo diante de um cenário de mudanças políticas, econômicas e sexistas, em que a cultura machista vem se diluindo aos poucos, ainda se pode observar as divergentes preferências sexuais que se manifestam entre homens e mulheres, sendo os primeiros mais irrestritos sexualmente e moralmente.

Conclusão

A pesquisa obteve relevância científica por atualizar os dados amostrais presentes na cultura brasileira e universitária sobre as divergências sexuais encontradas entre homens e mulheres em relação à utilização dos aplicativos de relacionamento.

Hipotetizou-se *a priori* que os homens seriam mais irrestritos sexualmente do que as mulheres e com isso teriam um número maior de parceiras virtuais do que elas, bem como seria detectado um baixo nível de autoestima entre eles. De fato foi constatado a maior irrestrição sexual entre os homens no uso dos aplicativos de relacionamento, no entanto, verificou-se que não houve diferenças relativas à autoestima na amostra, contrastada com outros estudos que sugerem que os usuários dos aplicativos de relacionamento possuem autoestima elevada.

Por outro viés, a partir da revisão de literatura descobriu-se por meio dos estudos de Sawyer, Smith e Benotsch (2018), Green, Turner e Logan (2018) e Ortiz-Martínez, Buelvas-Pérez, Martínez-Torres, Vásquez-Rada e Carrascal-Angelo (2018) que os usuários dos aplicativos de relacionamento se envolvem em práticas sexuais mais perigosas do que os demais e diante disso levanta-se a necessidade de criação de projetos de políticas públicas de saúde que visam à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis ou gravidez indesejada, por meio da

propagação de informações e conscientização da população a partir dos dados de riscos informados.

Para aumentar a credibilidade dos dados obtidos, sugere-se que outras pesquisas com o mesmo viés sejam realizadas entre outros grupos, culturas e faixas etárias para maior consistência sobre as divergências sexuais que recaem sobre homens e mulheres relacionadas ao uso de aplicativos de relacionamento.

SELF-ESTEEM AND SEXUAL INTENTIONS OF USERS OF RELATIONSHIP APPLICATIONS

Abstract:

the present study aimed to detect the self-esteem level, conservatism and sexual liberalism of the participants, also to collect information about the use of relationship applications in brazil. 210 university students, enrolled in different courses of the same teaching institution, participated in the research, responding a face-to-face questionnaire. the result was that the level of self-esteem is similar between the genders; however, men in general scored more on the question of sexual liberalism, being more sexually unrestrained and likely to engage in casual sex from the relationship applications than women who have shown themselves to be more conservative. male sexual liberalism was associated with the feeling of emptiness when related to virtual relationships. it is concluded that the subject may be related to policies for the prevention of sexually transmitted diseases.

keywords: online social networks, sexual partners, sexual behavior.

AUTOESTIMA E INTENCIONES SEXUALES DE USUARIOS DE APLICACIONES DE RELACIÓN

Resumen:

el presente estudio apunta a detectar el nivel de autoestima, conservadurismo y liberalismo sexual de los participantes y recoger informaciones sobre el uso de las aplicaciones de relación en brasil. participaron de la encuesta 210 universitarios matriculados en diferentes cursos de una misma institución de enseñanza respondiendo a un cuestionario presencial. se obtuvo el resultado acorde al que propone que el nivel de autoestima es similar entre los sexos, sin embargo, los hombres en general puntualizaron más en el aspecto liberalismo sexual, siendo más irrestrictos sexualmente y propensos a involucrarse en el sexo casual a partir de las aplicaciones de relación que las mujeres que se mostraron más conservadoras. El liberalismo sexual masculino se asoció al sentimiento de vacío cuando se relacionó con las

relaciones virtuales. Se concluye que por ser más liberales sexualmente, los hombres son más propensos a contraer una enfermedad de transmisión sexual.

Palabras clave: redes sociales en línea, parejas sexuales, comportamiento sexual.

Referências

ANDRADE, A. L.; GARCIA, A. Preditores da satisfação global em relacionamentos românticos. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 3, n. 11, p. 143-156, dez. 2009.

ARFER, K. B.; JONE, J. J. American political-party affiliation as a predictor of usage of an adultery website. **Archives of Sexual Behavior**, United States, n. 1, p. 1-9, jul. 2018.

BANDEIRA, T. T. A.; MOURA, M. L. S. Crenças de pais e mães sobre investimento parental. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 53, p. 355-363, set./dez. 2012.

BAILEY, W. C.; HENDRICK, C.; HENDRICK, S. S. Relation of sex and gender role to in love, sexual attitudes, and self-esteem. **Sex Roles**, United States, v. 16, n. 12, p. 637-648, jun. 1987.

BELLAVIA, G.; MURRAY, S. Did I do that? Self-esteem-related differences in reactions to romantic partners' moods. **Personal Relationships**, United States, v. 10, n. 1, p. 77-95, fev. 2003.

BENDIXEN, M.; KENNAIR, L. E. O.; BUSS, D. M. Jealousy: Evidence of strong sex differences using both forced choice and continuous measure paradigms. **Personality and Individual Differences**, United States, n. 86, p. 212-216, nov. 2015.

BUSS, D. M.; LARSEN, R.; WESTEN, D.; SEMMELROTH, J. Sex differences in jealousy: evolution, physiology, and psychology. **Psychological Review**, Los Angeles, n. 3, p. 251-255, jul. 1992.

BUSS, D. M.; SCHMITT, D. P. Annual review of psychology mate preferences and their behavioral manifestations. **Annual Review of Psychology**, United States, n. 70, p. 11-34, jun. 2019.

BLACKHART, G. C.; FITZPATRICK, J.; WILLIAMSON, J. Dispositional factors predicting use of online dating sites and behaviors related to online dating. **Computers in Human Behavior**, United States, n. 33, p. 113-118, abri. 2014.

CHEN, A. C.; NEILANDS, T. B.; CHAN, S.; LIGHTFOOT, M. Contextual influence of Taiwanese adolescents' sexual attitudes and behavioral intent. **Nursing and Health Sciences**, n. 18, United States, p. 355-361, jun. 2016.

- D'ABREU, L. C. F. Pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra mulheres. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 592-601, set. 2013.
- DANTAS, B. S. A. Sexualidade, cristianismo e poder. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 700-728, dez. 2010.
- DONNAMARIA, C. P.; TERZIS, A. Sobre a evolução de vínculos conjugais originados na Internet. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Recife, v. 61, n. 3, p. 75-86, set. 2009.
- FIGUEIREDO, L. B. **Tinderellas**: busca amorosa por meio de aplicativos para smartphone. 2016. 191. Tese (Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica- Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo – SP, 2016.
- FORD, M. B.; COLLINS, N. L. Self-esteem moderates neuroendocrine and psychological responses to interpersonal rejection. **Journal of Personality and Social Psychology**, Santa Bárbara, v. 98, n. 3, p. 405-419, mar. 2010.
- GALPERIN, A.; HASELTON, M. G.; FREDERICK, D. A.; POORE, J.; HIPPEL, W.; BUSS, D. M.; GONZAGA, G. C. Sexual regret: Evidence for evolved sex differences. **Archives of Sexual Behavior**, United States, n. 42, p. 1145-1161, nov. 2013.
- GUERRA, V. M.; GOUVEIA, V. V. Liberalismo/Conservadorismo sexual: proposta de uma medida multi-fatorial. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 43-53, jun. 2007.
- GUERRA, V. M.; GOUVEIA, V. V.; SOUSA, D. M.; LIMA, T. J.; FREIRES, L. A. Sexual liberalism–conservatism: the effect of human values, gender, and previous sexual experience. **Archives of Sexual Behavior**, United States, n. 41, p. 1027-1039, ago, 2012.
- GREEN, S. M.; TURNER, D.; LOGAN, R. G. Exploring the effect of sharing common facebook friends on the sexual risk behaviors of tinder users. **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**, United States, v. 21, n. 7, p. 457-462, set. 2018.
- HARKNETT, K.; CRANNEY, S. Majority rules: gender composition and sexual norms and behavior in high schools. **Population Research and Policy Review**, United States, n. 36, p. 469-500, mai. 2017.
- HATTORI, W. T.; CASTRO, F. N. As origens do amor: evolução da escolha de parceiros. In: VIEIRA, M. L.; OLIVA, A. D. (Org.) **Evolução, Cultura e Comportamento Humano**. Florianópolis: Edições do Bosque, 2017. p. 220-281.
- HUTZ, C. S.; ZANON, C. Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg. **Avaliação Psicológica**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 41-49, abr. 2011.
- JONASON, P. K.; BUSS, D. M. Avoiding entangling commitments: Tactics for implementing a short-term mating strategy. **Personality and Individual Differences**, United States, n. 52, p. 606-610, abr. 2012.

KENNAIR, L. E. O.; WYCKOFF, J. P.; ASAO, K.; BUSS, D. M.; BENDIXEN, M. Why do women regret casual sex more than men do?. **Personality and Individual Differences**, United States, n. 127, p. 61-67, jun. 2018.

KIM, M.; KWON, K. N.; LEE, M. Psychological characteristics of internet dating service users: The effect of self-esteem, involvement, and sociability on the use of internet dating services. **Cyber psychology and Behavior**, New Rochelle, v. 12, n. 4, p. 445-449, jul. 2009.

LOPES, F. A. Somos o que comemos: A universalidade do comportamento alimentar humano. In: OTTA, E.; YAMAMOTO, M. E. (Org.) **Fundamentos de psicologia- Psicologia Evolucionista**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. 157-162.

LOPES, R. G.; VASCONCELLOS, S. Implicações da teoria da evolução para a psicologia: A perspectiva da Psicologia Evolucionista. **Estudos de Psicologia**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 123-130, mar. 2008.

MATOS, M.; FÉRES-CARNEIRO, M.; JABLONSKI, B. Adolescência e relações amorosas: Um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 21-33, jan./jun. 2005.

NOGUEIRA, M. F. M.; SILVA, T. T. O amor em suas mãos: Um estudo sobre a sociabilidade entre os indivíduos no aplicativo Tinder. **Revista Científica de Comunicação Social**, Goiânia, v. 6, n. 2, p. 99-102, ago./dez. 2016.

ORTIZ-MARTÍNEZ, Y.; BUELVAS-PÉREZ, A.; MARTÍNEZ-TORRES, A.; VÁSQUEZ-RADA, K.; CARRASCAL-ANGELO, A. E. **Dating apps and increased sexual risk behaviors while traveling**: Challenges and opportunities for public health. *Travel Medicine and Infectious Disease*, United States, v. 24, n. 7, p. 7-14, mai. 2018.

OVERBEEK, G.; BONGARDT, D. V.; BAAMS, L. Buffer or Brake? The role of sexuality-specific parenting in adolescents' sexualized media consumption and sexual development. **Journal of Youth and Adolescence**, United States, n. 47, p. 1427-1439, jul. 2018.

PERILLOUX, C.; CLOUD, J. M.; BUSS, D. M. Women's physical attractiveness and short-term mating strategies. **Personality and Individual Differences**, United States, n. 54, p. 490-495, mar. 2013.

POLIPPO, P. M.; FERREIRA, V. R. T.; WAGNER, M. F. Produção científica brasileira sobre psicologia evolucionista. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, Juiz de Fora, v. 9, n. 2, p. 277-289, dez. 2016.

RAMIREZ, A.; SUMMER, E. M.; FLEURIET, C.; COLE, C. When Online Dating Partners Meet Offline: The Effect of Modality Switching on Relational Communication Between Online Daters. **Journal of Computer-Mediated Communication**, United States, v. 20, p. 99-114, jan. 2014.

RAMOS, C. M.; LENCASTRE, M. P. A. O feminino e o masculino na etologia, sociobiologia e psicologia evolutiva: Revisão de alguns conceitos. **Psicologia**, Lisboa, v.27, n.2, p.33-61, mai. 2013.

SAWYER, A. N.; SMITH, E. R.; BENOTSCH, E. G. Dating application use and sexual risk behavior among young adults. **Sexuality Research and Social Policy**, United States, v. 15, n. 2, p. 183-191, set. 2018.

SCHMITT, D. P. Sociosexuality from argentina to zimbabwe: A 48-nation study of sex, culture, and strategies of human mating. **Behavioral and Brain Sciences**, United States, v. 28, p. 247-311, ago. 2005.

SIMPSON, J. A.; GANGESTAD, S. W. Individual differences in sociosexuality: Evidence for convergent and discriminant validity. **Journal of Personality and Social Psychology**, United States, v. 60, n. 6, p. 870-883, jun. 1991.

SOSTER, A. P.; CASTRO, E. K. Sexo casual: Autoestima e busca de sensações sexuais em universitários. **Psicologia, Saúde e Doenças**, Lisboa, v. 19, n. 1, p. 18-25, abr. 2018.

SOUSA, N. C. P. **Papel evolutivo da dança**: Seleção de parceiros entre universitários. 2011. 171. Dissertação (Programa de Pós-graduação em psicologia do desenvolvimento e aprendizagem- Mestrado) -Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2011.

SÜMER, Z. H. L. Effects of gender and sex-role orientation on sexual attitudes among turkish university students. **Social Behavior and Personality**, United States, v. 41, n. 6, p. 995-1008, jul. 2013.

TRIVERS, R. L. Parental investment and sexual selection. In CHAMPBELL, B. (Org.) **Sexual selection and the descent of man 1871-1971**. Chicago: Aldine Publishing, 1972. 136-207.

VALKENBURG, P. M.; PETER, J. Who Visits Online Dating Sites? Exploring Some Characteristics of Online Daters. **Cyber Psychology and Behavior**, Amsterdam, v. 10, n. 6, p. 849-852, jan. 2007.

VERMELHO, S. C.; VELHO, A. P. M.; BERTONCELLO, V. Sobre o conceito de redes sociais e seus pesquisadores. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 863-881, out./dez. 2015.

VRIES, D. A. Meeting expectations: The effects of expectations on self-esteem following the construction of a dating profile. **Computers in Human Behavior**, United States, n. 62, p. 44-50, set. 2016.

XIA, P.; TU, K.; RIBEIRO, B.; JIANG, H.; WANG, X.; CHEN, C. LIU, B.; TOWSLEY, D. **Who is dating whom**: Characterizing user behaviors of a large online dating site. *Social and Information Networks*, United States, v. 1, n. 22, p. 2-22, jan. 2014.

YE, S.; LAM, Z. K. W.; MA, Z.; NG, T. K. **Differential relations of narcissism and self-esteem to romantic relationships**: The mediating role of perception discrepancy. *Asian Journal of Social Psychology*, United States, n. 19, p. 374-384, dez. 2016.

Sobre os autores:

Bruna Benício Rodrigues é Doutoranda em Mídia e Tecnologia pela UNESP (2022), Mestra em Psicologia também pela UNESP (2019) e Psicóloga com graduação pela Universidade do Sagrado Coração (USC, 2016).

Sandro Caramaschi é Professor Assistente da Unesp, Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP, 1996), Mestre em Psicologia, também pela Universidade de São Paulo (USP, 1991) e Biólogo com graduação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR, 1986).